

## **Cultura Visual e Ditadura Civil-Militar: Imaginário da Liderança Metodista na Capa do jornal Expositor Cristão<sup>1</sup>**

Marcelo Moreira RAMIRO<sup>2</sup>

Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, SP

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo investigar as imagens publicadas na capa do jornal Expositor Cristão da Igreja Metodista após o golpe civil-militar brasileiro. Para isso, serão analisadas as fotografias veiculadas pelo periódico de abril a dezembro de 1964. O referencial teórico busca o diálogo entre os conceitos da iconografia/iconologia de Panofsky e de imaginário. Com a pesquisa espera-se identificar a postura teológica e ideológica da Igreja Metodista nos primeiros meses da ditadura civil-militar e explicar porque as prisões, torturas, mortes e repressões ocorridas durante o regime, inclusive entre metodistas, não aparecem no jornal.

**Palavras-chave:** imaginário, metodismo, ditadura civil-militar, cultura visual.

### **Introdução**

O jornal Expositor Cristão é o órgão de comunicação oficial da Igreja Metodista brasileira. Foi fundado em 1886 pelo missionário norte-americano John James Ranson e, ao longo de sua trajetória, narrou fatos históricos do Brasil e da denominação. Com 130 anos de trajetória, o jornal constitui-se o mais antigo do ramo protestante ainda em circulação no país.

Na década de 1960, o Expositor Cristão era quinzenal e representava um relevante instrumento de comunicação entre os metodistas brasileiros, com cerca de seis mil assinantes. O periódico contava com mensagens do Colégio dos Bispos, atividades das igrejas locais, agendas, artigos de pastores e dos editores.

Naquela época, o fotojornalismo já havia conquistado espaço e consolidado sua importância nos veículos de comunicação impressos. No Expositor Cristão não foi diferente. A fotografia estava integrada às principais notícias do jornal, que fazia questão de estampar pelo menos uma imagem na primeira página.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação, Imagem e Imaginário do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo, e-mail: marcelomramiro@gmail.com

Em 1964, ano que ficou marcado na história do Brasil em função do início do golpe civil-militar<sup>3</sup>, diversos jornais como *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S. Paulo*, *Extra*, *Jornal do Brasil*, *O Dia*, *O Globo*, entre outros, utilizaram fotografias para ilustrar o novo momento social e político do país, a partir da saída do presidente João Goulart do poder em 1º de abril. Porém, o mesmo não ocorreu no *Expositor Cristão*. Nenhuma fotografia referente ao regime militar foi publicada no informativo da Igreja Metodista.

Algumas hipóteses podem ser consideradas para explicar a não utilização desse tipo de imagem pelo jornal. A primeira delas leva em consideração a bagagem teológica. O metodismo brasileiro é herdeiro do protestantismo pietista do sul dos Estados Unidos, que priorizava a salvação da alma de todo ser humano. A pregação e a consequente salvação das pessoas, resultariam em transformações na sociedade. Essa concepção teológica era defendida por uma parcela majoritária de líderes da Igreja Metodista na década de 1960.

Na época, as igrejas cristãs tinham suas produções impressas, que, em geral, demonstraram apoio ao golpe militar: *Brasil Presbiteriano* (Igreja Presbiteriana do Brasil), *O Estandarte* - Igreja Presbiteriana Independente, *O Jornal Batista* - Igreja Batista, *O Estandarte Evangélico* - Igreja Assembleia de Deus no Pará e *O Mensageiro da Paz* - Convenção Nacional das Assembleias de Deus (CUNHA, 2015, p.187). Esta pesquisa irá se deter ao *Expositor Cristão*, periódico oficial da Igreja Metodista no Brasil.

A leitura do cenário teológico é essencial para a compreensão da escolha das imagens utilizadas no jornal *Expositor Cristão* em 1964. No entanto, há de considerar também aspectos políticos e ideológicos presentes na cúpula da Igreja Metodista da época. As imagens não publicadas, e as publicadas na capa do jornal oficial da denominação, expõem o posicionamento dos metodistas diante do regime recém-instalado.

Tais imagens fotográficas serão analisadas utilizando a metodologia de Panofsky sobre iconografia e iconologia. A significação a partir do contexto e de aspectos interiores da imagem abre caminhos para interpretações sólidas sobre o imaginário e a construção documental da história.

### **Caminhos metodológicos: análise de fotografias a partir da iconologia**

---

<sup>3</sup> Pesquisas recentes, como o relatório da Comissão Nacional da Verdade, reforçam a afirmação de que a ditadura não foi militar, mas resultou no conjunto de forças conservadoras que envolveram diferentes segmentos sociais do país (empresários, intelectuais, religiosos, jornalistas). Por isso, este trabalho referencia o período como “ditadura civil-militar”.

A fotografia e seu poder de congelar o tempo revolucionou a maneira de contar a história. Desde o daguerreótipo<sup>4</sup> até os processos mais sofisticados de registro fotográfico amplamente propagados no século XX, agregou-se o aspecto testemunhal à imagem. Kossoy (2007, p.27) argumenta que este ‘poder’ tornou-se uma arma temível pois os receptores passaram a compreender a fotografia como expressão da verdade.

Por se tratar de um instrumento com tamanho domínio e apelo popular, a imprensa o adotou como forma de provar o real e estender as fronteiras visuais da sociedade. Barthes (1984, p.121) defende que a “a foto é literalmente uma emanção do referente. De um corpo real, que estava lá, partiram radiações que vêm me atingir, a mim, que estou aqui; (...); a foto do ser desaparecido vem me tocar como os raios retardados de uma estrela”.

Os jornais começaram a adotar os recursos fotográficos na primeira página a partir da década de 1950. Nos anos seguintes, a fotografia ganhou ainda mais espaço e credibilidade ao lado da linguagem verbal. Foi preciso uma reestruturação para adequar os jornais às demandas que o fotojornalismo proporcionou, tamanha a relevância da imagem na construção da memória e do imaginário social.

Porém, o avanço tecnológico trouxe possibilidades cada vez maiores de manipulação. A rigor, além dos aspectos subjetivos do fotógrafo, a imagem passa por um crivo de seleção editorial e está sujeita a uma série de intervenções técnicas antes da publicação. Arlindo Machado (1997) aborda os aspectos de edição que podem modificar o momento fotografado:

O conceito de edição da fotografia se amplia e compreende hoje não apenas o trabalho de recorte do quadro e a sua inserção na página de uma revista, mas também a manipulação dos elementos constitutivos da própria imagem, até mesmo no nível de resolução do grão mais elementar de informação: o pixel (MACHADO, 1997, p.242).

Levando tais aspectos em consideração, faz-se necessário conhecer o contexto em que a fotografia está inserida. Barthes (1990, p.12), argumenta que fotografia se identifica com uma estrutura maior em um jornal, como o título, legenda ou artigo. Desta forma, a imagem não se encontra isolada na página de um jornal. Há uma série informações envolvidas que subsidiam a construção da análise.

---

<sup>4</sup> O daguerreótipo (em francês: daguerréotype) foi o primeiro processo fotográfico a ser anunciado e comercializado ao grande público. Foi divulgado em 1839, tendo sido substituído por processos mais práticos e baratos apenas no início da década de 1860.

Neste sentido, os estudos de Erwin Panofsky sobre iconografia e iconologia indicam caminhos norteadores para a compreensão de uma imagem e seus significados. Embora os estudos de Panofsky estejam relacionados à análise de obras de arte, Kossoy (2007) defende que é possível aplicar esta metodologia à fotografia, por se tratar de um elemento que funde aspectos culturais e de criação do fotógrafo.

O autor destaca a interpretação iconológica como instrumento para decifrar o significado de uma representação fotográfica. “Se a interpretação iconográfica se situa no nível da imagem, a interpretação iconológica tem aí seu ponto de partida e estende-se além do documento visível, além da chamada evidência documental” (Kossoy, 2007, p.55)

Panofsky enumera três níveis de desenvolvimento da imagem: o primário/natural relacionado a identificação das formas puras (descrição pré-iconográfica), a secundária que liga combinações de motivos com assuntos e conceitos (iconografia) e o terceiro nível que relaciona o significado intrínseco ou conteúdo (iconologia). Para o autor:

[...] o significado intrínseco da obra ou grupo de obras, a que devota sua atenção, com base no que pensa ser o significado intrínseco de tantos outros documentos da civilização historicamente relacionados a esta obra ou grupo de obras quantos conseguir: de documentos que testemunhem as tendências políticas, poéticas, religiosas, filosóficas e sociais da personalidade, período ou país sob investigação (PANOFSKY, 1986, p.63).

A compreensão iconológica de Panofsky parte do conceito de iconografia. Há neste ponto uma distinção importante entre interpretação e significação. “Então em termos conceituais o método iconológico coloca a diferença entre significado e forma, que pode ser também tratado como forma/percepção formal e conteúdo”, explica Tania Vicente (2000, p.150)

Por meio da análise iconológica da imagem é possível ir além, decifrando o significado interior ou intrínseco. O método auxilia no processo de interpretação de fotografias na medida em que leva em consideração aspectos que não são vistos e que não podem ser entendidos apenas a partir do representado.

Martine Joly (1996) argumenta que considerar uma imagem como uma mensagem visual composta de diversos tipos de signos equivale a considerá-la como linguagem e, assim, como uma ferramenta de expressão e comunicação. “Seja ela expressiva ou comunicativa, é possível admitir que uma imagem sempre constitui uma mensagem para o outro [...]” (JOLY, 1996, p.55).

Abordando especificamente o tema fotografia, Martine Joly (1996) afirma que “a análise das palavras inspiradas pela fotografia vai nos mostrar como a teoria nos permite compreender porque a fotografia, mais do que qualquer outra imagem, pode gerar o sonho da ficção” (JOLY, 1996, p.122).

No caso específico do jornal *Expositor Cristão*, a compreensão dos processos históricos, teológicos e ideológicos são fundamentais para a análise das imagens publicadas no período proposto. As fotografias não são elementos isolados na primeira página do jornal, pois estão associadas a séries de sentidos ocultos.

### **Valor da imagem na construção do imaginário**

O ser humano é formado a partir da interação social. É constituído de imagens adquiridas ao longo da vida. O filósofo Cornelius Castoriadis (1987) denomina este processo de troca de sentidos, formas e imagens de significações imaginárias. Assim se dá a construção do imaginário coletivo, formado a partir das interações sociais. “O homem só existe na e pela sociedade – e a sociedade sempre é histórica”, ressalta Castoriadis (1987, p.241).

De acordo com o Magali Cunha (2011) a noção de imaginário surge em relação a tudo que se apreende visualmente do mundo e é elaborado coletivamente. “Deste modo o imaginário diz respeito às expressões culturais e se modifica na configuração da identidade que cada cultura produz e sustenta como sua” (CUNHA, 2011, p.38).

A autora argumenta que mesmo sendo uma expressão coletiva, é na manifestação do desejo e condicionado pelo olhar do sujeito que o imaginário é formado. Assim, a subjetividade interfere no olhar do indivíduo que, por sua vez, cria novos parâmetros para o imaginário.

Tal construção dialética foi analisada pelo sociólogo Peter Berger (1985), com foco no campo religioso. Ele ressalta os processos de exteriorização, objetivação e interiorização do ser humano. Os conceitos são importantes para fundamentar a compreensão da influência religiosa como promotora de silenciamento e adaptação à condição social vigente.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o ser humano é produto da sociedade e que, da mesma forma, a sociedade é produto do ser humano. Ao exteriorizar-se, o indivíduo produz o mundo com todo aporte cultural inerente. A estrutura social criada passa a ter

significado de realidade objetiva, pois recebe a legitimação necessária das instituições, entre elas a religião. Assim, as instituições eclesásticas atuam a serviço da cultura.

Conceitos criados a partir das exteriorizações humanas são legitimados e interiorizados pelas pessoas. Evidentemente, existem variações culturais decorrentes desse processo, porém, o sistema é cíclico de acordo com Peter Berger. “O mesmo mundo, *como* uma realidade objetiva, é interiorizado na socialização tornando-se parte constituinte da consciência do indivíduo socializado” (BERGER, 1985, p.93).

A religião está ativamente presente no processo e tem o importante papel de legitimação da ordem social. Ela influencia e é influenciada pela sociedade. Assim, introjeta no ser humano, e, conseqüentemente na sociedade, valores que balizam as relações interpessoais e estruturais. São códigos que perpassam o casamento, trabalho, família e dinheiro, para citar apenas alguns exemplos.

Desta forma, os processos imaginários se fazem presentes nas ações, posicionamentos e decisões dos indivíduos que exteriorizam aspectos subjetivos. As imagens recebem imenso valor nesse contexto, pois é uma mercadoria por excelência, “objeto de produção, circulação e consumo: cria-se não apenas uma mercadoria para o sujeito, mas sujeitos para a mercadoria. Este é o caráter da imagem na modernidade tardia” (CUNHA, 2011, p.46).

### **Fotografias na capa do Expositor Cristão: amostras do imaginário metodista**

As capas do Expositor Cristão em 1964, depois do golpe civil-militar, retratam a preocupação dos metodistas em alargar suas fronteiras no Brasil, o que corresponde ao posicionamento teológico da denominação citado anteriormente. Em meio aos conturbados fatos políticos ocorridos no Brasil, os maiores destaques fotográficos do jornal na primeira página são templos metodistas em várias regiões do país, pastores e bispos.

A edição de 1º de abril de 1964 do Expositor Cristão foi publicada no dia seguinte ao golpe dos militares. “Como era de esperar, não houve menção ao fato, em grande medida justificada por questões operacionais e de desencontro de informações”, argumenta Vasni de Almeida (2014, p.6).

Na capa desta edição, o jornal destaca a foto do templo da Igreja Metodista Central de São José do Rio Preto (imagem 01), com a seguinte chamada: *acabamento de um belo*

*templo, três novas capelas e uma linda casa pastoral em São José do Rio Preto.* Na foto é possível notar a construção imponente da igreja que expandia na cidade.

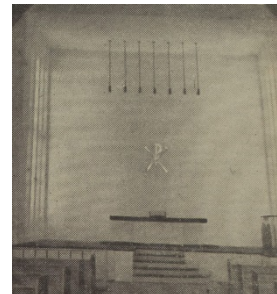
Na edição seguinte, lançada em 15 de abril, também não houve posicionamento da liderança nacional da Igreja Metodista em relação ao golpe dos militares. A esta altura o tema recebia notoriedade por todo o país, fazia parte dos noticiários e da mídia, já que a censura ainda não havia sido instaurada. Neste número, o jornal destacou a foto do interior do templo da Igreja Metodista Wesley em Porto Alegre/RS anunciando: “*cada detalhe deste templo foi carinhosamente planejado e tem uma história a contar*”. O jornal da segunda quinzena de abril também destacou a foto do Rev. Omar Daibert, novo Secretário Geral de Missões e Evangelização, o que demonstra a ênfase da Igreja com a mensagem da salvação da alma.

**Imagem 01** - Templo da Igreja Metodista Central de São José do Rio Preto



Fonte: Expositor Cristão, 1º de abril de 1964

**Imagem 02** – Interior do templo da Igreja Metodista Wesley em Porto Alegre/RS



Fonte: Expositor Cristão, 15 de abril de 1964

Nas duas edições do mês seguinte também não há aprofundamento aos acontecimentos da ditadura no Expositor Cristão. Porém, no jornal do dia 1º de maio de 1964 há uma fotografia na primeira página que mostra uma mobilização organizada pela Igreja Metodista em São Caetano do Sul em favor dos operários de limpeza pública. A imagem apresenta um envolvimento social de metodistas.

Na segunda quinzena de maio 1964, o jornal volta a representar imagens do metodismo. Publica uma imagem em destaque do Bispo Emérito César Dacorso Filho (primeiro metodista brasileiro eleito ao episcopado) e, logo abaixo, uma foto do templo da Igreja Metodista de Lordelo, Porto, em Portugal.

Sem entrar em detalhes acerca dos fatos que ocorriam no país, a primeira publicação do Expositor Cristão, abordando indiretamente o regime militar, encontra-se na contracapa da edição do dia 1º de junho de 1964, com o seguinte título em letras maiúsculas: “*crise nacional*”. O texto, assinado pelo pastor Newton Paulo Beyer, da Igreja Metodista Central

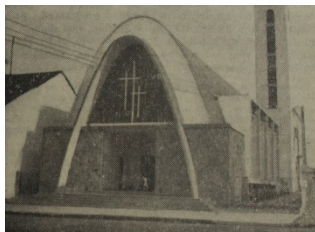


de Porto Alegre, declara aos leitores metodistas que o Brasil foi sacudido por uma crise de grandes proporções, mas que a igreja não deve tomar partido diante da situação:

Não compete à Igreja esmiuçar os acontecimentos e tomar posição, mas, sim, profeticamente exercer, junto aos homens, o juízo divino sobre a situação em geral, e, sacerdotalmente, interceder, junto a Deus, pela pátria conflagrada. Complexas foram as causas que culminaram nos últimos acontecimentos, mas, humildemente, todos – inclusive e principalmente a Igreja de Deus – devem reconhecer que têm a sua parcela de culpa nos fatos que agitaram o país (Expositor Cristão, 01/06/1964, p.16).

Assim como ocorreu anteriormente, a capa dessa edição possui fotografia de templo metodista. A imagem mostra a fachada da igreja com o título: *O magnífico templo da Igreja Central de Curitiba* (imagem 03). O mesmo ocorre na publicação do dia 15 de junho, que traz uma fotografia do interior do templo da Igreja Metodista de Rudge Ramos, em São Bernardo do Campo (Imagem 04). A publicação comemora a inauguração da capela que era o centro da vida devocional dos estudantes da Faculdade de Teologia Metodista.

**Imagem 03** – Templo da Igreja Metodista Central de Curitiba/PR



Fonte: Expositor Cristão, 1º de junho de 1964

**Imagem 04** – Interior do templo da Igreja Metodista Rudge Ramos



Fonte: Expositor Cristão, 15 de junho de 1964

O jornal Expositor Cristão prossegue no segundo semestre de 1964 com a mesma política editorial adotada. Na edição de 1º de julho, estampa uma foto da fachada do novo complexo de prédios da Faculdade de Teologia em São Bernardo do Campo. Em 15 de julho, destaca duas imagens: uma do local onde ocorreu o Concílio Geral da Igreja Metodista nos Estados Unidos e a outra do novo redator do Expositor Cristão, Rev. José Sucasas Júnior, um dos defensores da teologia que enfatizava a salvação da alma, combatendo a concepção teológica mais engajada com os problemas sociais.

Como redator do Expositor Cristão, José Sucasas publicou na capa do dia 1º de agosto a foto do irmão Bispo Isaiás Sucasas no lançamento da pedra fundamental de templo



metodista em Brasília. Os irmãos José Sucasas e seu irmão Isaías Sucasas tiveram participação ativa durante a ditadura civil-militar, como será visto mais à frente.

Em 15 de agosto de 1964, o jornal *Expositor Cristão* publicou duas fotos na capa. A primeira, mostra jovens aparentemente orando no encerramento do VI Congresso Geral da Mocidade Metodista. A segunda é um desenho de projeto arquitetônico da Igreja Metodista de Santo André que passaria a ter também prédio educacional.

As duas imagens na capa da edição de 1º de setembro, mostram bem a postura teológica majoritária da Igreja Metodista na época. A primeira imagem apresenta a casa pastoral da igreja em Botucatu e, logo abaixo, o jornal traz uma fotografia do Rev. Otto ao lado de Aparecido de Souza, um cantor de boates que se converteu. O título reforça a teologia da salvação da alma: *Um verdadeiro milagre: do balcão da taberna ao púlpito sagrado*.

Na segunda quinzena de setembro, o jornal mostra uma imagem de crianças de um orfanato da 5ª Região Eclesiástica e outra sobre a construção do templo da Igreja Metodista Wesley nos Estados Unidos. As duas edições do mês de outubro apresentam fotos que retratam o metodismo no Brasil: evento no Instituto Isabella Hendrix, participantes metodistas de Campos/RJ e fachada do templo metodista da glória em Porto Alegre/RS.

No jornal de 1º de novembro de 1964 o destaque foi para o templo metodista de Sapucaia que havia sido recém-pintado. Na segunda quinzena o jornal mostrou jovens tipógrafos do Lar Metodista, um orfanato na 2ª Região e uma imagem com metodistas em frente ao templo em Vila Parise, na baixada santista.

Nas edições de dezembro de 1964, há outras imagens de templos metodistas na capa dos jornais. Na primeira quinzena, o destaque foi para a fachada do prédio da Igreja Metodista Wesley em Porto Alegre/RS. Na primeira página desta edição, há também uma foto do Bispo Isaías Sucasas cortando o bolo comemorativo do aniversário de cinquenta anos da Igreja de Campinas.

Na última edição de 1964, o *Expositor Cristão* apresenta uma fotografia de delegados do seminário de líderes, visitando instituições sociais na capital do Chile. O título que acompanha a foto anuncia: *Um encontro da Igreja com o problema urbano*. Logo abaixo, há uma foto do templo metodista provisório em Minerlândia/RJ.

Nas 18 edições do *Expositor Cristão* (de abril a dezembro de 1964) analisadas no presente trabalho, há 34 fotografias sendo que 13 são de templos ou prédios da Igreja Metodista. Há também uma ênfase clara ao ministério clérigo na denominação. O jornal

publicou 11 fotografias com pastores e Bispos. Neste período, há quatro imagens que apresentam o envolvimento da igreja com projetos sociais.

### **Análise das fotografias: contexto histórico, teológico e político**

As imagens que ganharam a capa do jornal *Expositor Cristão* em 1964 após o golpe civil-militar apontam para a força da teologia pietista na Igreja Metodista da época. Os principais líderes da denominação reforçavam a prioridade da salvação da alma, como meio de tirar a sociedade da condenação do pecado. Mudanças sociais, de acordo com essa visão, são consequências da transformação das pessoas salvas.

Esta compreensão teológica é uma herança deixada pelos missionários norte-americanos que vieram para o Brasil no século XIX e XX. Reily (1993, p.273) explica que muitos protestantes “esperavam que a reforma geral da nação resultasse da multiplicação das conversões e da aplicação dos saudáveis princípios do protestantismo à vida do povo”.

Mesmo com uma ética individualista, o pensamento teológico não descartava a transformação, mas a considerava dependente da salvação do ser humano. Assim, acreditava-se que o avanço do protestantismo traria desenvolvimento e libertação ao Brasil. Esse argumento justifica a utilização de imagens de templos pelo jornal *Expositor Cristão*, pois indica o progresso de denominação comissionada a salvar a nação.

Tal constatação é importante para compreender o silenciamento do *Expositor Cristão* em relação ao golpe civil-militar. A única nota do jornal que fez uma referência às crises que o país estava vivendo em 1964, publicada em 1º de junho, associa os problemas aos pecados cometidos e afirma que a igreja deve exercer uma função sacerdotal, orando e intercedendo pelos culpados.

“Na situação atual – quando não existem vencidos, nem vencedores – a Igreja de Deus está sendo convocada pelo Senhor e Salvador para conduzir os brasileiros ao humilde reconhecimento de seu pecado, e, concomitantemente, para interceder por eles, com fé e perseverança, certa de que o Espírito Divino paira por sobre esta grande nação, para conduzi-la, finalmente, à realização de seus mais altos fins” (*Expositor Cristão*, 01/06/1964, p.16).

A postura oficial da Igreja Metodista foi de não se envolver diretamente com as crises ocasionadas a partir do golpe civil-militar. Porém, o pensamento não foi uniforme dentro denominação. Havia um movimento, especialmente na mocidade, que reivindicava um posicionamento diferente por parte da igreja, como explica Reily (1993, p.341). “A

juventude universitária e os acadêmicos de teologia pleiteavam uma Igreja mais voltada para a ação social e a política, e exigiam as mudanças estruturais necessárias para tanto”.

Um marco deste movimento se deu no VI Congresso Geral da Mocidade Metodista, que ocorreu em Piracicaba/SP, de 7 a 12 de julho de 1964. O evento teve como tema: “Para mim viver é Cristo” e teve como preletor Almir dos Santos, secretário geral de Ação Social da Igreja Metodista na época. Ele incitou os jovens a viverem “como revolucionários e participassem da transformação da Igreja para que ela se envolvesse na transformação da sociedade”, conta Jorge Sampaio (1998, p. 37).

Nossa identificação com a humanidade, em seus problemas, em suas lutas, em suas angústias é o primeiro passo decisivo na expressão “PARA MIM VIVER É CRISTO”. Uma Igreja alienada da realidade presente é uma Igreja que nega a ser o sal e a luz do mundo. Os membros da Igreja não devem ter medo de conspurcar-se, pois o Senhor Jesus não deu tal exemplo (SANTOS, 1964, p.19).

O discurso situado poucos meses após o golpe civil-militar é muito significativo. Os jovens foram motivados a caminha na contramão do discurso teológico predominante na Igreja Metodista da época. A capa do Expositor Cristão que destacou o Congresso na edição de 15 de agosto (imagem 05), publicou ao lado da foto o texto: “para mim o viver é Cristo – não só como comunhão íntima e vital com Deus, mas como preocupação pela redenção do homem total.

**Imagem 05** – Jovens no encerramento do VI Congresso Geral da Mocidade Metodista.



Fonte: Expositor Cristão, 15 de agosto de 1964

A proposta defendida no evento e que passou a ocupar um clamor na mocidade instigava ações concretas da igreja na sociedade. A missão não estaria apenas levar salvação para a alma, mas incluía dar respostas às necessidades materiais das pessoas. Tal

concepção teológica criticava a maneira como a Igreja pautava suas ações evangelísticas na época.

Na edição de 15 de janeiro de 1965 do *Expositor Cristão*, Almir dos Santos escreve: “Vamos salvar almas, mas vamos salvar corpos também. Aliás, a distinção entre corpo e alma não é bíblica nem cristã, mas pagã”. Tais afirmações revelam como as divergências teológicas entre *salvação da alma* e *salvação do homem total* estavam presentes na Igreja.

O Colégio Episcopal da Igreja Metodista da época, formado pelo Bispos José Pedro, João Augusto do Amaral e Isaias Fernandes Sucasas defendiam a necessidade da salvação da alma como prioridade missionária. O pastor José Sucasas, que assumiu como redator do *Expositor Cristão* em julho de 1964, também defensor dessa linha teológica.

Na época, havia um movimento dentro da Igreja Metodista conhecido como o “esquema” que defendia a necessidade de conversão incondicional do ser humano e o enfraquecimento da ala da Igreja adapta aos movimentos com ênfase à salvação integral. Reily (1993, p. 341) conta que o “esquema” era liderado por Natanael Inocêncio do Nascimento, então reitor da Faculdade de Teologia e também tinha por objetivo dar direção mais nacionalista à Igreja.

Após o golpe civil-militar, as divergências teológicas presentes na Igreja Metodista se tornaram mais acirradas. Jorge Sampaio (1998, p. 56) detalha este período de conflito:

O conflito entre as duas posturas era manifesto e foi determinante no aprofundamento da crise entre as lideranças da Igreja Metodista e a juventude, pois um grupo de metodistas aliados às propostas do governo militar que assaltou o país se propôs assumir a liderança da Igreja Metodista e colocar um fim, de uma vez por todas, nas pretensões revolucionárias da mocidade e de outros metodistas. Inaugurava-se, assim, a passagem do ‘diálogo’ para a ‘oposição’ à juventude, nos mesmos moldes que o regime militar se opunha à juventude universitária brasileira (SAMPAIO, 1998, p.56).

A edição do *Expositor Cristão*, 15 de julho, que apresenta na primeira página a foto do pastor José Sucasas como novo redator do jornal anuncia o tom ideológico adotado pelo jornal. A teologia da salvação da alma ganha cada vez mais força na Igreja, especialmente após a realização do IX Concílio Geral em 1965, que ratifica a predominância dessa linha na liderança nacional da Igreja Metodista.

Enquanto nas primeiras páginas do *Expositor Cristão* em 1964 após a ditadura militar, apresentam majoritariamente fotos de templos, pastores e bispos, nos bastidores da denominação havia uma disputa incessante pelo poder. Assim como os movimentos

estudantis foram reprimidos pelos militares, a juventude metodista vivenciou a perseguição, conforme comprova o relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV)<sup>5</sup>.

O Grupo de Trabalho “O Papel das Igrejas durante a Ditadura” da CNV apurou que o envolvimento da Igreja Metodista durante a ditadura civil-militar foi bem mais ativa do que a representada no jornal Expositor Cristão. O texto intitulado: *violações de direitos humanos nas igrejas cristãs*, apresenta diversas informações e relatos detalhados de violência contra religiosos durante o regime, entre eles, metodistas.

O documento aponta nomes de 11 pessoas, membros da Igreja Metodista em diferentes cidades do Brasil, presos durante a ditadura. A maioria sofreu tortura. “Fiquei nua no pau de arara, levei choque na vagina”, relata Ana Maria Ramos Estevão que, na época, era líder de jovens metodistas (Relatório CNV, 2014, p. 182).

Um dos casos de prisão e tortura ocorreu com o jovem Anivaldo Pereira Padilha, que atuava no movimento de juventude da Igreja Metodista e ecumênico nos anos 1960. De acordo com o relatório da CNV, Padilha foi denunciado por parte do pastor metodista José Sucasas Jr. e do bispo metodista Isaías Sucasas (28 de agosto de 1969), que atuavam como informantes do DOPS<sup>6</sup>.

A prisão ocorreu alguns meses depois de um exemplar do jornal Unidade III da Federação dos Jovens Metodistas de São Paulo, editado por Anivaldo Padilha, ter sido encaminhado ao DOPS pelos informantes. (...) O jornal continha críticas à direção da Igreja Metodista e artigos avaliativos da situação da Igreja e dos jovens (Relatório CNV, 2014, p.181).

A Comissão Nacional da Verdade apurou o número de protestantes entre os mortos ou desaparecidos por conta das ações dos órgãos de repressão do regime militar. São sete, entre eles, três metodistas: os irmãos desaparecidos Daniel José de Carvalho, 28 anos e Joel José de Carvalho, 26, Heleny Telles Ferreira Guariba, 30, desaparecida e Devanir José de Carvalho, morto aos 28 anos.

## Considerações Finais

---

<sup>5</sup> Instalada em maio de 2012, a CNV foi criada para apurar, esclarecer, indicar as circunstâncias e a autoria, as graves violações de direitos humanos praticadas entre 1946 e 1988 (o período entre as duas últimas constituições democráticas brasileiras) com o objetivo de efetivar o direito à memória e a verdade histórica e promover a reconciliação nacional.

<sup>6</sup> DOPS significa Departamento de Ordem Política e Social, criada para manter o controle do cidadão e vigiar as manifestações políticas durante a ditadura.

As prisões, torturas, mortes e repressões ocorridas no período da ditadura civil-militar brasileira não aparecem nas primeiras páginas do jornal Expositor Cristão da Igreja Metodista no período estudado. Há um silenciamento em relação ao tema que marcou a história do Brasil por 21 anos.

O silêncio, porém, não esconde o discurso. Aspectos do não-dito podem ser analisados pois expressam significados e remetem a outros discursos. “Silêncio que atravessa as palavras, que existe entre elas, ou que indica que o sentido pode ser sempre outro, ou ainda que aquilo que é o mais importante nunca se diz, todos esses modos (...) do silêncio nos levam a colocar que o silêncio é fundante”, afirma Orlandi (2007, p.14).

As imagens publicadas na capa jornal Expositor Cristão revelam o imaginário que predominava na liderança da Igreja Metodista no período da ditadura. A maioria das fotografias na primeira página mostra imagens de templos metodistas ou pastores, ressaltando o eclesiocentrismo (centrando a compreensão da igreja na sua presença física – templos) e clericalismo da denominação. Nenhuma imagem possui relação com o conturbado e violento momento político que o Brasil estava passando.

Questões teológicas e ideológicas são indicadas como hipóteses para embasar as escolhas editoriais do Expositor Cristão. Porém, o contraste com a realidade se faz cada vez mais evidente a medida em que fatos da época são revelados. O relatório da Comissão Nacional da Verdade sobre os crimes praticados durante a Ditadura, por exemplo, traz luz aos documentos que, de alguma forma, se silenciaram.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vasni de. **Metodistas e Ditadura Militar no Brasil: Silêncios, Contestação, Ensino**. In Mnemosine – UFCG. Campina Grande: PPGH, 2014. Disponível em: <<http://www.ufcg.edu.br/~historia/mnemosinerevista/Revistas/Vol%205%20Num%20Especial%20-%202014.pdf>>. Acesso em 27 jul. 2016.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

\_\_\_\_\_. **O óbvio e o obtuso**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Tradução de Guy Reynaud. 2.ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. **Relatório**: textos temáticos. Vol. 2. Brasília: CNV, 2014. Disponível em <[http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume\\_2\\_digital.pdf](http://www.cnv.gov.br/images/pdf/relatorio/volume_2_digital.pdf)>. Acesso em 27 jul. 2016.

CUNHA, Magali do Nascimento. **Da imagem, à imaginação e ao imaginário: elementos-chave para os estudos de comunicação e cultura**. In: BARROS, Laan Mendes de. Discursos Midiáticos: representações e apropriações culturais. São Bernardo do Campo: Editora Metodista, 2011.

\_\_\_\_\_. **Mídia, religião e a ditadura civil-militar no Brasil**. In: Simpósio Internacional Comunicação e Cultura: Aproximações com Memória e História Oral, 2015, São Caetano do Sul-SP. **Anais eletrônicos**. São Caetano do Sul: USCS, 2015. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/0BzFGX0dUJrfcTVV1Qk9JTHNKSDA/view>>. Acesso em 27 jul. 2016.

EXPOSITOR CRISTÃO. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1964.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem**. São Paulo: Papyrus. 1996.

KOSSOY, B. **Fotografia & História**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas e pós-cinemas**. Campinas-SP: Papyrus, 1997.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2007.

PANOFSKY, E. **Iconografia e Iconologia: Uma introdução ao estudo da arte da Renascença**. In: Significado nas Artes Visuais. Tradução: Maria Clara F. Kneese e J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1986.

REILY, Duncan Alexander. **História documental do protestantismo no Brasil**. São Paulo: Aste, 1993.

SANTOS, Almir dos. **Para mim viver é Cristo**. In: Cruz de Malta Set-Out. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1964.

VICENTE, Tania Aparecida de Souza. **Metodologia da análise de imagens**. Contracampo, n. 4, 2000. Disponível em: <<http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/422/209>> Acesso em 27 jul. 2016.